

**DISCURSO DE ÓDIO HOMOFÓBICO NO *FACEBOOK*: uma análise dos comentários das publicações de notícias nos ciberjornais de Campo Grande**

***HOMOPHOBIC HATE SPEECH ON FACEBOOK:  
an analysis of comments on news publications in cybernewspapers from Campo Grande***

---

Lucas Souza da Silva\*

Hélder Prior\*\*

**Resumo**

O artigo visa a problematizar o discurso de ódio contra a população LGBTQIA+ nos comentários das publicações de notícias no *Facebook* e a repercussão dessa prática na manutenção do preconceito e da discriminação. Procura-se sistematizar e identificar categorias e traços ideológicos na propagação e circulação dos comentários classificados como discurso de ódio contra a população LGBTQIA+ nas publicações de notícias no *Facebook* dos três principais veículos de comunicação de Mato Grosso do Sul: Correio do Estado, Campo Grande News e Midiamax. Esta pesquisa analisou 3026 comentários, dos quais 605 foram classificados como discurso de ódio, número que representa 20% em todas as publicações analisadas.

**Palavras-chave:** Discurso de ódio. Homofobia. Facebook. Análise de conteúdo.

**Abstract**

The article aims to problematize the hate speech against the LGBTQIA+ population in the comments on news publications on Facebook and the repercussions of this practice in perpetuating prejudice and discrimination. The study seeks to systematize and identify categories and ideological traits in the propagation and circulation of comments classified as hate speech against the LGBTQIA+ community in news publications on Facebook from the three main media outlets in Mato Grosso do Sul: Correio do Estado, Campo Grande News, and Midiamax. The research analyzed 3026 comments, out of which 605 were classified as hate speech, representing 20% of all the analyzed publications.

**Keywords:** Hate speech. Homophobia. Cyberjournalism. Facebook. Content analysis.

---

\*Jornalista graduado e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGCOM/UFMS). Vencedor do Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo 2019, categoria Iniciação Científica. E-mail: lucas\_13088@hotmail.com

\*\* Doutor em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior (UBI), Portugal (2013), com menção “Doutor Europeu” pelos estudos de Doutorado desenvolvidos na Universidade Autônoma de Barcelona (2008-2012). Professor no Departamento de Comunicação da Universidade Autônoma de Lisboa (UAL). Investigador Integrado do Labcom/UBI. Foi Professor Visitante Estrangeiro no PPGCOM da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2019-2023). Realizou estágio de Pós-Doutorado (2014-2016) na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), com bolsa PNPd/CAPES. Entre 2016 e 2018, realizou estágio de Pós-Doutorando no Labcom/UBI e na Faculdade de Comunicação da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), com bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. É Investigador Colaborador Estrangeiro do Midiáticos (UFMT), NEMP (UnB), NUMARK (UERJ) e NEAMP (PUC-SP). E-mail: hprior@autonoma.pt

## Introdução

A temática apresentada nesta pesquisa tem a intenção de causar reflexão acerca do discurso de ódio homofóbico e entender as razões que potencializam e motivam os manifestantes de comentários preconceituosos e discriminatórios, bem como os sentidos inerentes a esse discurso que discrimina e instiga à violência simbólica e até física. Impulsionado pelas redes sociais digitais, o discurso de ódio é um fenômeno social, jurídico, político e midiático que deixou de estar restrito a círculos fechados para passar a ser visível em rede, aumentando o seu alcance e seus efeitos. Efetivamente, o ciberespaço criou novas possibilidades para que os indivíduos externem os seus pensamentos, emoções e opiniões, participando e interagindo de várias formas em rede (Lévy, 1999; Castells, 1999). Todavia, a rede também tem servido para que os indivíduos partilhem e publiquem conteúdo violento e discursos ofensivos, que muitas vezes emanam ódio e preconceito em relação a determinados grupos sociais. Amplificados pelas redes sociais digitais, tais discursos podem propagar intolerância em relação a determinados grupos, com consequências jurídicas e sociais relevantes. Por conseguinte, o objetivo deste trabalho é abordar o fenômeno do discurso de ódio homofóbico nas redes sociais digitais, promovendo uma discussão sobre o conceito de “homofobia” e apresentando uma categorização de modalidades de discurso de ódio contra a população LGBTQIA+.

A manifestação do discurso de ódio por palavra dirigida oralmente, destinada ao público, causará impacto imediato, porém, se escrita e publicada, poderá promover um dano que permanecerá ao longo do tempo. Com efeito, é importante analisar o meio de comunicação digital no qual o discurso de ódio é propagado, no caso da nossa análise, o *Facebook*. Na internet, segundo dados mundiais da Organização Não Governamental SaferNet, entre 2006 e 2023, as denúncias de discurso de ódio homofóbico totalizaram 163.008 casos. O levantamento mostra ainda que, no mesmo período, 43.180 páginas distintas foram denunciadas por propagarem discurso discriminatório direcionado à população LGBTQIA+ e 30.423 desses canais foram removidos<sup>1</sup>.

A maior parte do conteúdo denunciado por meio da plataforma da SaferNet estava no *Facebook*. Ao escolher o grupo LGBTQIA+ como o recorte empírico desta pesquisa, tem-se por objetivo responder às questões “como” e “por que” o fenômeno atual ocorre dentro

---

<sup>1</sup> <https://new.safernet.org.br/content/crimes-de-odio-tem-crescimento-de-ate-650-no-primeiro-semester-de-2022#>

de um determinado contexto histórico, social e político. Outro recorte a ser abordado por este trabalho é o estado de Mato Grosso do Sul como um dos protagonistas da homofobia no Brasil. Mato Grosso do Sul ocupa a terceira posição entre os estados brasileiros com o maior número de mortes violentas de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais, de acordo com o dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil.<sup>2</sup> É nesse ente da federação que se inserem os três veículos ciberjornalísticos analisados por esta pesquisa: **Campo Grande News, Correio do Estado e Midiamax.**

O discurso de ódio nas redes sociais, especialmente no *Facebook*, tem se tornado um problema significativo devido à natureza expansiva e interconectada dessa plataforma. O *Facebook*, como uma das maiores redes sociais do mundo, é um espaço onde uma vasta quantidade de interações diárias ocorre, facilitando a disseminação rápida e ampla de conteúdos. A estrutura de grupos e páginas, combinada com algoritmos que promovem engajamento, frequentemente amplifica conteúdos polarizadores (KIM; KIM, 2019). O anonimato parcial que a rede oferece também contribui para que os utilizadores sintam menos responsabilidade pelas suas palavras, resultando em comportamentos mais agressivos e discriminatórios. Esses fatores convertem o *Facebook* em um objeto essencial de estudo para entender a dinâmica do discurso de ódio on-line. Por outro lado, as características dos media digitais, como a facilidade de compartilhamento de informações e a rapidez com que conteúdos podem se tornar virais, estimulam a agressividade on-line. O design das plataformas de redes sociais promove uma cultura de imediatismo e de respostas instantâneas, em que frequentemente as reações emocionais superam a reflexão ponderada. A ausência de interações face a face despersonaliza a comunicação, tornando mais fácil para os indivíduos expressarem sentimentos de hostilidade e preconceito. Em suma, essas características intrínsecas das mídias digitais, somadas ao algoritmo que privilegia o engajamento, contribuem para um ambiente propício ao discurso de ódio, destacando a necessidade de uma análise mais acurada sobre esses fenômenos.

---

<sup>2</sup> <https://correiodoestado.com.br/cidades/ms-e-o-terceiro-estado-com-maior-indice-de-mortes-violentas-de-pessoas/400027/>

## O Discurso de ódio homofóbico

A expressão “discurso de ódio” é originária do inglês *hate speech* e, segundo Brugger (2007, p. 118), refere-se a “palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas”. De acordo com o autor, o fenômeno é manifestado através da discriminação de caráter religioso, nacional, racial, sexual, étnico e de classe, reconhecida em discursos nazistas, racistas, xenófobos, homofóbicos, misóginos, e tem como elemento nuclear para a sua identificação a concepção de incitação à discriminação em relação, essencialmente, a grupos minoritários ou grupos em situação de desvantagem social e jurídica.

A manifestação do ódio pressupõe a sua exteriorização, isto é, a manifestação do pensamento discriminatório através do discurso. Trata-se, assim, da exteriorização de uma agressividade irracional em relação à maneira de ser, ao estilo de vida, às crenças e convicções de um indivíduo ou grupo de indivíduos (Sarmiento, 2006; Meyer-Plufg, 2009) e a sua manifestação pode ser explícita ou subliminar, razão pela qual nem sempre é fácil a sua identificação. Nas palavras de Meyer-Pflug (2009, p. 97), o discurso de ódio implica a manifestação de “ideias que incitem à discriminação racial, social ou religiosa em relação a determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias”. Chaves (1971) define as minorias como grupos de pessoas que, de algum modo e em algum sector das relações sociais, se encontram numa situação de dependência ou desvantagem em relação a um outro grupo, considerado como a maioria, ambos, integrando uma sociedade mais ampla. Deste modo, as minorias são grupos que poderiam, em circunstâncias específicas, correr o risco de perder a identidade por serem alvo de processos de controle e homogeneização, já que se encontram em situação de desigualdade jurídica na proteção dos seus direitos.

Segundo Castro e Freitas (2013), vários grupos sofrem discriminação por não se encaixarem nos padrões estabelecidos pela sociedade. “Esse discurso tem por objetivo propagar a discriminação desrespeitosa para com todo aquele que possa ser considerado ‘diferente’, quer em razão da sua etnia, da sua orientação sexual, da sua condição econômica ou do seu gênero, para promover a sua exclusão social” (Castro; Freitas, 2013, p. 344). Trata-se da construção de um processo de estigmatização social (Goffman, 1975) como se o “outro” tivesse determinadas marcas de identidade que o tornam diferente e inferior em relação à maioria dos indivíduos. No caso brasileiro, podemos apontar como minorias os pobres, as mulheres, os negros, os nordestinos, os indígenas, as pessoas com deficiência e a população LGBTQIA+.

Ora, a expressão “homofobia” foi pela primeira vez utilizado por K.T. Smith que, em um artigo publicado em 1971, tentava analisar os traços da personalidade homofóbica. Posteriormente, G. Weinberg definirá o vocábulo como “o receio de estar com um homossexual em um espaço fechado e, relativamente aos próprios homossexuais, o ódio por si mesmo” (Borrillo, 2010, p. 21). Todavia, desde que as primeiras definições surgiram em referência ao medo expresso por heterossexuais de estarem em presença de homossexuais, o conceito passou por vários questionamentos e ressignificações. Além de ser empregado em referência a um conjunto de atitudes negativas em relação a homossexuais, tais como aversão, desprezo, ódio ou medo, “o termo, pouco a pouco, passou a ser usado também em alusão a situações de preconceito, discriminação e violência contra pessoas LGBTQIA+” (Borrillo, 2010, p. 8).

Por conseguinte, a homofobia também pode ser definida como “a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo” (Borrillo, 2010, p. 34). A manifestação e os tipos de homofobia variam de acordo com cada cultura e sociedade, mesmo que na maioria delas a discriminação seja claramente observada, há mecanismos jurídicos, direitos outorgados, aspectos morais e religiosos que influenciam no modo como cada sociedade lida com a estigmatização da homossexualidade. Tal como sublinha Borrillo (2010, p. 9), “a homofobia tem se revelado como um sistema de humilhação, exclusão e violência que adquire requintes a partir de cada cultura e formas de organização das sociedades locais”.

Embora o elemento principal da homofobia seja a rejeição irracional e, até mesmo, o ódio e a repulsa em relação ao grupo LGBTQIA+, a homofobia não pode ser reduzida a esse aspecto, uma vez que ela se articula em torno de emoções, condutas, normas e dispositivos ideológicos e institucionais, sendo instrumento que cria e reproduz um sistema de diferenças para justificar a exclusão e a dominação de uns sobre os outros (Prado; Tolentino; Martins, 2009). Outro agravante para a identificação da homofobia é que ela assume, sobretudo, a forma de uma violência simbólica (Bourdieu, 1998) que, muitas vezes, não é percebida por suas vítimas. “A prática da violência homofóbica é, então, de difícil diagnóstico nas sociedades atuais, o que neutraliza possibilidades de enfrentamentos” (Borrillo, 2010, p. 10). A homofobia pode ser observada a partir de dois aspectos: o de natureza afetiva e o de natureza cognitiva. O primeiro deles tem dimensão pessoal e se manifesta pela pura rejeição aos homossexuais. Ela está presente nos insultos em forma de discursos de ódio, nas piadas, nas representações caricaturais. A homofobia representa os gays e as lésbicas como criaturas grotescas, objetos de escárnio.

Expressões como “veado nojento” ou “sapatão sem vergonha” são agressões verbais que deixam marcas na consciência, traumas que se inscrevem na memória e no corpo (de fato, a timidez, o constrangimento e a vergonha são atitudes corporais resultantes da hostilidade do mundo exterior). E uma das consequências da injúria consiste em modelar a relação com os outros e com o mundo; portanto, em modelar a personalidade, a subjetividade e o próprio ser de um indivíduo (Borrillo, 2010, p. 25).

Por outro lado, a homofobia cognitiva tem dimensão cultural. É observável quotidianamente, é mais eufemística, porém é a responsável por perpetuar a diferença homo/hétero. Ela pode até preconizar a tolerância, mas não luta pelos direitos de igualdade. Se algumas formas mais sutis de homofobia exibem certa tolerância em relação a lésbicas e gays, essa atitude ocorre mediante a condição de atribuir-lhes uma posição marginal e silenciosa (Borrillo, 2010, p. 17). A homofobia cognitiva é de cunho social e propagada de geração em geração, assim a produção cultural reproduz a estereotipia da homossexualidade e os reduz a um clichê baseado em preconceito. As instituições revelam-se como espaços de produção, reprodução e atualização de discursos, valores e práticas por meio dos quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade legítima de expressão sexual e de gênero (Warner, 1993).

Borrillo (2010, p. 26) propõe, ainda, outra dialética entre homofobia geral e homofobia específica, dada a “amplitude do termo”. Para o autor, a homofobia geral é a manifestação do sexismo, é a discriminação da pessoa em razão de seu sexo (macho/fêmea) e gênero (masculino/feminino). Essa forma se assemelha a uma vigilância de gênero, ou seja, serve para cuidar e discriminar aquele que apresentar características imputadas ao outro gênero. A homofobia geral se estrutura em dois aspectos: negação do feminino e rejeição da homossexualidade e objetiva denunciar os desvios do masculino em direção ao feminino e vice-versa. Aqueles que forem acusados por essa “vigilância” são classificados como desertores de gênero. “Assim, nessa ordem sexual, o sexo biológico (macho/fêmea) determina um desejo sexual unívoco (hétero), assim como um comportamento social específico (masculino/feminino)” (Borrillo, 2010, p. 16). Na homofobia geral, não é necessário ser homossexual para sofrer discriminação. Basta uma simples manifestação de uma característica imputada ao gênero oposto. Isto é, um homem heterossexual extremamente vaidoso e uma mulher que também sente atração pelo sexo oposto sem vaidade alguma serão julgados pela “vigilância de gênero” e, mesmo não pertencendo a nenhuma sigla LGBTQIA+, são passíveis de sofrer ofensas, piadas, insultos e até violência física por não estarem de acordo com o que se espera do gênero de cada um deles. A homofobia torna-se, assim, a guardiã das fronteiras tanto sexuais (hétero/homo), quanto de gênero (masculino/feminino).

Eis por que os homossexuais deixaram de ser as únicas vítimas da violência homofóbica, que acaba visando, igualmente, todos aqueles que não aderem à ordem clássica dos gêneros: travestis, transexuais, bissexuais, mulheres heterossexuais dotadas de forte personalidade, homens heterossexuais delicados ou que manifestam grande sensibilidade (Borrillo, 2010, p. 16).

A homofobia específica se refere absolutamente aos LGBTQIA+. É uma violência direcionada a quem assumidamente pertence a esse grupo. “O homossexual é apontado pela norma social como bizarro, estranho ou extravagante [...] O homossexual é sempre o outro, o diferente, aquele com quem é impensável qualquer identificação (Borrillo, 2010, p. 14). Em particular, as lésbicas sofrem discriminação dobrada, uma vez que acumulam a discriminação por serem mulheres e por sentirem atração por pessoas do mesmo sexo. “A lésbica é vítima de uma violência particular, definida pelo duplo desdém que tem a ver com o fato de ser mulher e homossexual. Ela acumula as discriminações contra o gênero e contra a sexualidade”, afirma o autor (Borrillo, 2010, p. 27).

### **Modalidades de discurso de ódio homofóbico: notas metodológicas**

No sentido de viabilizar as reflexões sobre o discurso de ódio homofóbico abordadas anteriormente, adotamos como *corpus* empírico comentários a publicações de notícias no *Facebook* dos três cibermeios com o maior número de curtidas e seguidores em Mato Grosso do Sul: Correio do Estado<sup>3</sup> com 487 mil curtidas e 502 mil seguidores; Campo Grande News<sup>4</sup> com 522 mil curtidas e 617 mil seguidores e, por último, o Midiamax<sup>5</sup> com 420 mil curtidas e 503 mil seguidores (dados extraídos em julho de 2024).

---

<sup>3</sup> O Correio do Estado é um dos jornais mais antigos do estado de Mato Grosso do Sul, fundado em fevereiro de 1954, com mais de 67 anos de circulação. Segundo Fernandes, Sampaio e Costa (2016), é o principal jornal do estado: “verifica-se que atualmente em Campo Grande e na região, o periódico tem grande importância social, na produção de conhecimento através da informação, e uma influência política e ideológica, pois trata-se do principal jornal diário de MS” (Fernandes; Sampaio; Costa, 2016, p. 10). O jornal lançou o portal na internet em 2014 quando o veículo completou 60 anos. No *Facebook*, o Correio do Estado existe desde 24 de junho de 2011. Até julho de 2024, o cibermeio possuía 487 mil curtidas. O jornal não possui nenhuma política de comentários em sua página no *Facebook*.

<sup>4</sup> Na internet é o veículo jornalístico mais antigo, fundado em 4 de março de 1999 quando o acesso à rede mundial de computadores ainda era discado. O jornal existe no *Facebook* desde 15 de março de 2011 e possui 522 mil curtidores (dados de julho de 2024). O jornal também não possui nenhuma política de comentários em sua página no *Facebook*.

<sup>5</sup> Em uma comparação com os outros veículos analisados, é o jornal mais novo, que está no ar desde 2002. As primeiras notícias do veículo na internet não passavam de um parágrafo e continham apenas as informações essenciais de um lead, que respondiam basicamente às questões: “quem”, “o quê”, “onde”, “quando”, “por quê” e “como”. O Midiamax migra para o *Facebook* em 12 de setembro de 2011 e tem atualmente 420 mil curtidores. Na página do *Facebook* do veículo, em detalhes sobre Jornal Midiamax há: “comentários ofensivos, desrespeitosos,

A nossa amostra é composta por três notícias de cada veículo sobre temáticas relacionadas à comunidade LGBTQIA+ publicadas entre 2016 e 2021, totalizando nove notícias, conforme a tabela seguinte:

Tabela 1 - Caracterização do *corpora*

| TÍTULO DA MATÉRIA  | DATA DE PUBLICAÇÃO | CIBERJORNAL       | REAÇÕES | COMENTÁRIOS |
|--|--------------------|-------------------|---------|-------------|
| <b>Xô preconceito! Parada levou 30 mil pessoas à praça em dia de cor, música e amor</b>  | 30/09/2019         | Campo Grande News | 488     | 391         |
| <b>“Lugar de gay é na igreja sim”. Dizem fiéis campo-grandenses</b>                      | 22/09/2020         | Campo Grande News | 913     | 573         |
| <b>Aos 29 anos Samantha fala como é ser uma mulher transexual lésbica</b>                | 01/09/2020         | Campo Grande News | 218     | 207         |
| <b>Dois acionam a polícia e se dizem discriminados por serem héteros</b>                 | 13/02/2018         | Correio do Estado | 280     | 224         |
| <b>Casamento gay cresce 5 vezes mais do que entre homem e mulher</b>                     | 24/11/2016         | Correio do Estado | 378     | 351         |
| <b>Alguns assistem filme com cenas de sexo gay em sala de aula e pais denunciam</b>      | 04/10/2018         | Correio do Estado | 564     | 209         |
| <b>“A força do querer”: beijo de Ivan e Cláudio pode marcar cena final da novela</b>     | 19/10/2017         | Midiamax          | 574     | 271         |
| <b>Propaganda da natura com mulheres se beijando causa discussão</b>                     | 14/05/2019         | Midiamax          | 226     | 309         |
| <b>Patrícia Abravanel é detonada ao debochar da sigla LGBTQIA+ e minimizar homofobia</b> | 01/06/2021         | Midiamax          | 561     | 392         |

Fonte: Autores.

A hipótese central desta pesquisa sustenta que o discurso de ódio em relação à população LGBTQIA+ reproduz estereótipos de heterossexismo e gênero enraizados na cultura brasileira de modo explícito e implícito (H1). Por outro lado, ao não existir moderação nos comentários às matérias jornalísticas publicadas no *Facebook*, esses funcionam como caixas de ressonância do discurso de ódio homofóbico, conduzindo à instigação ao ódio contra a população LGBTQIA+ e revelando uma clara tensão entre liberdade de expressão e direitos de personalidade (H2). Recorrendo à metodologia da Análise de Conteúdo (AC) proposta por Bardin (2009), aplicamos categorias ou modalidades de discurso

---

preconceituosos ou obscenos, de natureza fraudulenta, falsa enganadora ou que violem o direito de propriedade intelectual de terceiros serão excluídos sem aviso prévio”.

de ódio construídas em estudo prévio (Da Silva; Souza Da Silva, 2021) e elaboradas a partir da pré-análise do material empírico. As categorias foram sistematizadas em nove modalidades de discurso, que resumimos em seguida:

1) **Vitimização** – refere-se ao ato de se transformar em vítima. Segundo Van Dijk (2001), os discursos dessa natureza tendem a demonstrar uma dramaticidade em relação ao intragrupo de modo a tornar, por reflexo, membros do extragrupo inimigos ou ameaças. A estratégia consiste em construir argumentos que apontem o intragrupo como vítima e, conseqüentemente, o extragrupo como privilegiado.

2) **Patologização** – efeito de transformar um fenômeno em patologia ou doença. Antes dos estudos aprofundados sobre gênero, a ideia de que a homossexualidade era um tipo de transtorno mental foi originalmente disseminada em 1886, quando o sexólogo Richard von Krafft-Ebing sublinhou que a homossexualidade era provocada por uma “inversão congênita” adquirida no nascimento ou no decorrer da vida. Tal ideia foi seguida pela Associação Americana de Psiquiatria que classificou a homossexualidade como “desordem” em seu primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais. Com base nesses estudos, a Organização Mundial da Saúde (OMS) incluiu a homossexualidade na Classificação Internacional de Doenças de 1977 (CID) como uma doença mental.

3) **Repulsa pelas pessoas LGBTQIA+** – Categorias que indicam manifestações de aversão, repugnância, medo, ódio e preconceito que algumas pessoas, ou grupos, nutrem contra os homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais. As outras categorias utilizam-se de outros fatores para difamar ou condenar as práticas homossexuais. Esta categoria discursiva indica puro ódio, nojo e abominação contra a população LGBTQIA+. Comentários como “nojo”, “que horror” e “credo” foram classificadas nesta categoria discursiva.

4) **Descrédito pela informação jornalística, veículo de comunicação ou redator** – Refere-se a comentários que têm como objetivo promover o descrédito pela informação apresentada, relativizando a importância de notícias sobre a comunidade LGBTQIA+. Nesta categoria, foram selecionados comentários como “lixo de matéria”, “jornal sem conteúdo”, “fim do jornalismo”, “jornalista comunista”, entre outras ofensas na tentativa de desvalorizar o caráter noticioso da informação.

5) **Injúria ou ofensa à dignidade humana** – Os comentários desta categoria objetivam ferir, exclusivamente, a dignidade da pessoa humana, as manifestações de ódio não são só dirigidas contra as atitudes e comportamentos do grupo LGBTQIA+ e sim contra a identidade

e o ser humano em sua integridade. Nesta categoria, foram classificados comentários como “seus lixos”, “aberrações”, bem como termos pejorativos de referência como “veados”, “bichinhas” e “boiola”.

6) **Moralismo e religiosidade** – Refere-se à avaliação das temáticas sob a ótica moral e religiosa, como se os indivíduos procurassem impor o certo e o errado a partir das suas crenças e da sua visão de mundo. Pelo retrospecto histórico da perseguição aos homossexuais, e pela condenação cristã a essa orientação sexual, a moral do povo brasileiro enxerga de maneira negativa os grupos LGBTQIA+, sendo a homossexualidade vista como algo a ser combatido para a manutenção do que costumam classificar como “bons costumes”. Classificamos, nesta categoria, comentários como “casal é homem e mulher”, “inversão de valores”, “família é pai e mãe”, entre outros que relevam aspectos morais e pauta de costumes.

7) **Abordagem biologizante** – Modalidade de discurso de ódio visível em comentários que fizeram referência a aspectos biológicos. A questão da impossibilidade reprodutiva entre homossexuais foi um dos argumentos mais utilizados pelos usuários na tentativa de condenar a homossexualidade. Outro fator bastante observado foram os comentários que atribuíram antinaturalidade às práticas homossexuais, como distúrbio dos princípios que regem as leis da natureza. Outro ponto a se destacar é que, quando a população transexual é mencionada em alguma matéria, esta categoria de discurso de ódio apresenta uma alta incidência, devido ao sexismo que define rigorosamente e, sem possibilidade de mudança, o sexo biológico que o indivíduo nasce.

8) **Apelo à suposta influência comportamental e de pensamento infanto-juvenil** – esta categoria apela ao argumento de que a criança é suscetível e propensa a desenvolver comportamentos homossexuais se ela for exposta a ambiente de aceitação LGBTQIA+. Em vista disso, os movimentos LGBTQIA+ e as práticas homossexuais em público são combatidos na justificativa de que as crianças não podem ver tamanha barbárie, caso contrário, poderão desenvolver os mesmo comportamentos desviantes.

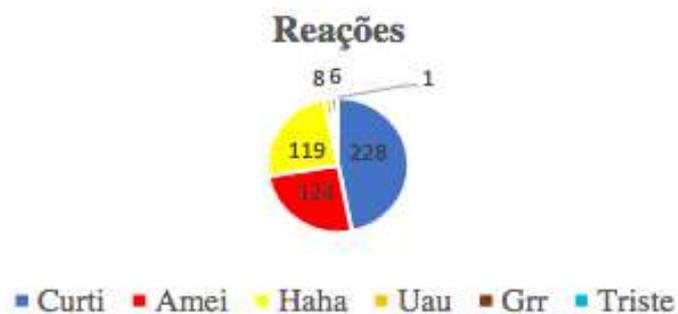
9) **Opinião intermediada por citação de autoridade** – Fundamentação do discurso com base numa citação de autoridade, isto é, na referência a uma fonte supostamente confiável com *expertise* no tema ou com capital social acumulado, como políticos, figuras públicas ou intelectuais. Ao utilizar um pensador ou especialista no assunto para justificar comentários, a intenção é encontrar força oratória para convencer e apresentar argumentos, “livrando-se” da opinião discriminatória. As citações de autoridade observadas no comentário são

maioritariamente de políticos que combatem as práticas homossexuais e os direitos da população LGBTQIA+, seja nas igrejas ou na Câmara dos Deputados.

No total, analisamos 3026 comentários, aplicando as respectivas categorias aos comentários classificados como discurso de ódio. Apresentamos, ainda, os dados a respeito da quantidade de reações observadas em cada publicação analisada. No seguinte empreendimento empírico, estão contidas as emoções dos leitores em relação à postagem veiculada pelo veículo jornalístico, as quais compreendem as reações “curtir”, “amei”, “haha”, “uau”, “grr”, “triste”, podendo também aparecer esporadicamente algumas reações ocasionais do *Facebook*. Além disso, também serão dispostos, respectivamente, a classificação das categorias de discursos de ódio observadas em cada publicação, bem como uma análise geral entre comentários tidos como discursos de ódio e demais comentários dentro da plataforma dos comentários nas páginas de *Facebook* analisadas por esta pesquisa. Sistematizamos, com efeito, os resultados obtidos:

**Matéria 1** - “Xô preconceito! Parada levou 30 mil pessoas à praça em dia de cor, música e amor”.

Figura 1- Reações à notícia



Fonte: Autores.

Figura 2. Classificação do discurso de ódio em categorias



Fonte: Autores.

Figura 3 – Percentagem de discursos de ódio

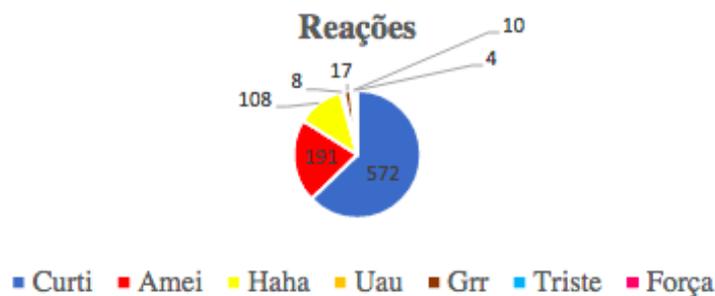


Fonte: Autores.

Os dados da análise revelam que 55 comentários a essa notícia foram classificados como discurso de ódio, 14% do total de manifestações. A categoria da **Vitimização** foi a mais notada. Tal fato se justifica pela visibilidade do movimento, uma vez que, ao ocupar o espaço urbano e reivindicar direitos, muitos leitores não compreendiam a necessidade do movimento e manifestaram comentários com o intuito de desvalorizar a luta e minimizar a homofobia. Entre as reações, a risada – representada pelo “haha” – foi a terceira reação mais notada, o que demonstra uma ridicularização, por parte dos leitores, dos movimentos sociais LGBTQIA+, como é a **Parada LGBT**.

**Matéria 2** - “Lugar de gay é na igreja sim”, dizem fiéis campo-grandenses.

Figura 4. Reações à notícia



Fonte: Autores.

Figura 5 – Classificação do discurso de ódio em categorias



Fonte: Autores.

Figura 6 – Percentagem de discursos de ódio

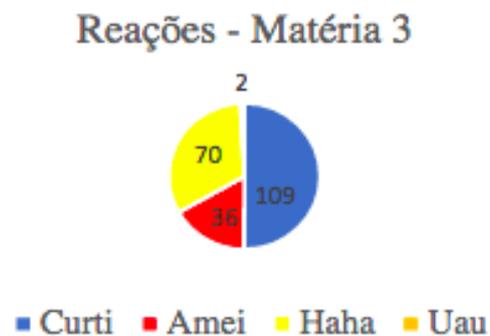


Fonte: Autores.

Os dados da segunda notícia analisada revelam que 58 comentários foram classificados como discurso de ódio, o equivalente a 10% do total de manifestações. Dentre esses comentários, a categoria da **Religiosidade** foi a mais presente. Tal fenômeno se justifica pela matéria logo no título trazer essa discussão com “Lugar de gay é na igreja sim”. Diante disso, a população conservadora reagiu e manifestou seu posicionamento contrário, com trechos bíblicos e outros documentos oficiais da igreja católica que condenam a homossexualidade. Tal como na notícia anterior, a reação “haha” foi a mais presente, o que também demonstra essa necessidade de ridicularizar a presença do homossexual em locais de dominação heterossexual.

**Matéria 3** – “Aos 29 anos, Samantha fala como é ser uma mulher transexual lésbica”

Figura 7 – Reações à notícia



Fonte: Autores.

Figura 8 - Classificação do discurso de ódio em categoriais



Fonte: Autores.

Figura 9 – Percentagem de discursos de ódio

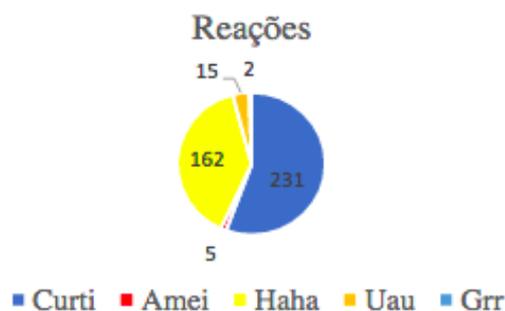


Fonte: Autores.

Os dados da terceira matéria analisada mostram que 33 comentários foram classificados como discurso de ódio, o equivalente a 16% do total de manifestações. Dentre esses comentários, a categoria da **Abordagem biologicizante** foi a mais presente. Tal constatação se justifica principalmente pela matéria pautar a transexualidade. Nesses comentários, fizeram-se presentes opiniões baseadas em fatores genéticos e biológicos para justificar o preconceito; como o sexismo, que liga radicalmente o sexo biológico à identidade de gênero. Como já observado, a reação “haha” foi a terceira mais presente, o que também demonstra uma tentativa de ridicularizar, invisibilizar os transexuais e silenciar o discurso que os representa.

#### Matéria 4 – “Dois acionam a polícia e se dizem discriminados por serem hétero”

Figura 10 – Reações à notícia



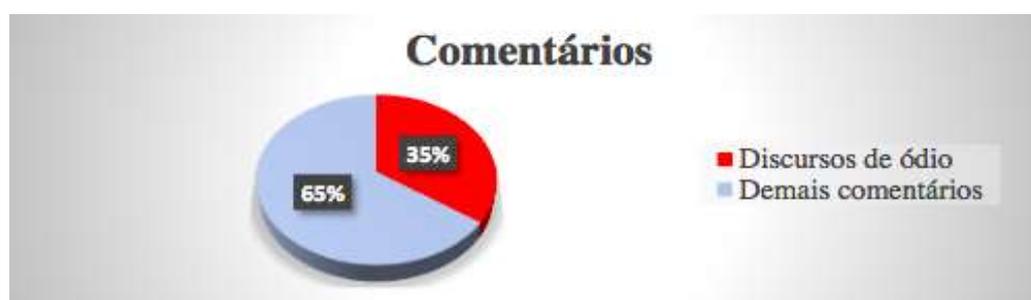
Fonte: Autores.

Figura 11 – Classificação do discurso de ódio em categorias



Fonte: Autores.

Figura 12 – Percentagem de discurso de ódio

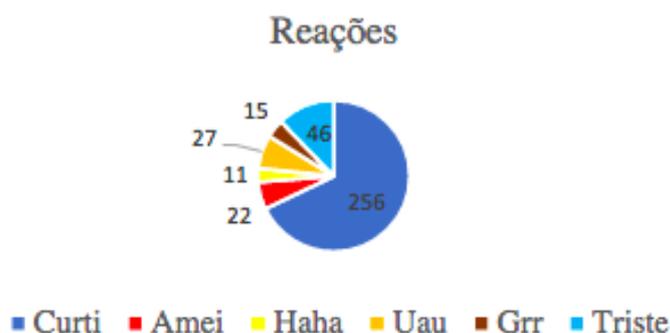


Fonte: Autores.

Os dados da quarta matéria analisada classificam 36 comentários como discurso de ódio, 35% do total de manifestações. Na notícia acerca de duas pessoas que se dizem vítimas de discriminação por serem homossexuais, a categoria da **Vitimização** foi a mais notada. Isso se justifica principalmente pela matéria provocar uma discussão acerca de uma eventual “heterofobia”. Ainda assim, deu margem para comentários que subvertiam as posições de opressão. A reação “haha” foi a segunda mais presente, o que demonstra um certo choque dos leitores em relação ao tema da notícia, devido à atipicidade do acontecimento e ao ineditismo em ser veiculado como material jornalístico.

#### Matéria 5 - Casamento gay cresce 5 vezes mais do que entre homem e mulher

Figura 13 – Reações à notícia



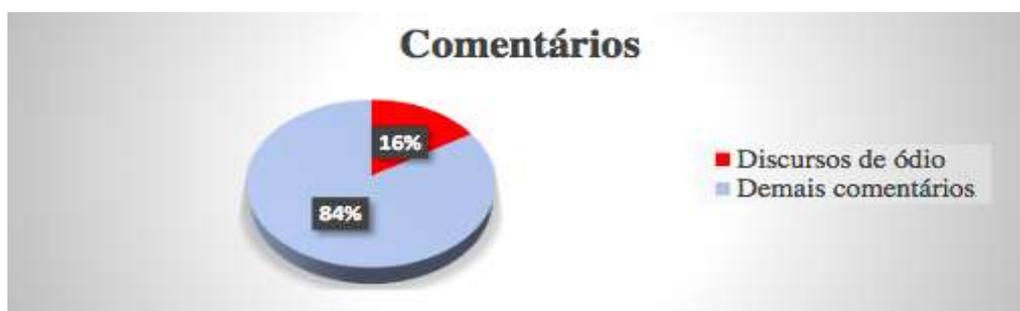
Fonte: Autores.

Figura 14 – Classificação do discurso de ódio em categorias



Fonte: Autores.

Figura 15 – Percentagem de discurso de ódio

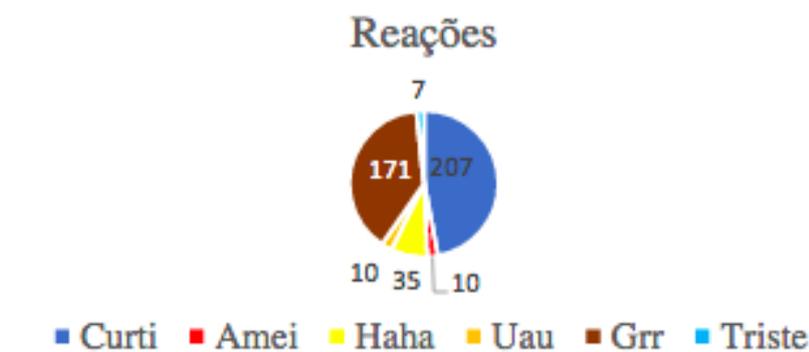


Fonte: Autores.

Os dados da quinta matéria analisada indicam a presença de 56 comentários classificados como discurso de ódio, o equivalente a 16% do total de comentários. As categorias de **Religiosidade** e de **Abordagem biologizante** tiveram destaque por causa do tema abordado pela reportagem, pois o casamento gay suscita comentários preconceituosos amparados na moral cristã e na visão de que só podem ter filhos e contrair matrimônio os casais heterossexuais. As reações “uau” e “grr” se destacaram nessa matéria, respectivamente, devido à surpresa dos dados apresentados no texto jornalístico e ao sentimento de repulsa que esses evocam na população quando o assunto é casamento entre pessoas LGBTQIA+.

**Matéria 6** – “Alunos assistem filme com cenas de sexo gay em sala de aula e pais denunciam”

Figura 16 – Reações à notícia



Fonte: Autores.

Figura 17 – classificação do discurso de ódio em categorias



Fonte: Autores.

Figura 18 – Percentagem de discurso de ódio

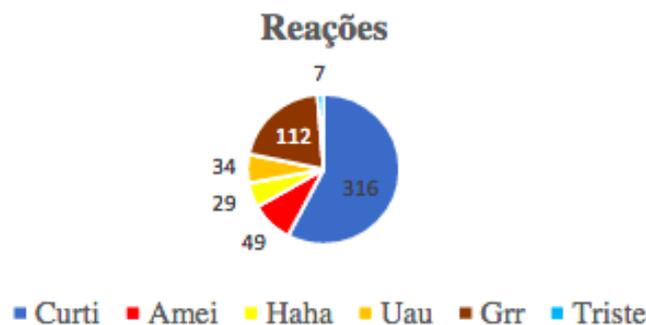


Fonte: Autores.

Nessa notícia, 96 comentários foram classificados como discurso de ódio, o equivalente a 22% do total de manifestações. As categorias de **Repulsa às pessoas LGBTQIA+** e de **Injúria ou ofensa à dignidade humana** se destacaram, pois o assunto abordado gerou um sentimento de aversão, ódio e revolta dos pais em relação a tornar visível aos adolescentes de uma escola pública as dificuldades que pessoas LGBTQIA+ encontram diante da discriminação social. Em consonância a esse sentimento de repulsa, a reação “grr” foi a segunda mais observada nessa matéria, o que demonstra que a educação sexual nas escolas e a visibilização dos LGBTQIA+ em relação aos jovens ainda é um tabu bastante presente na população brasileira.

**Matéria 7** - “A força do querer”: beijo de Ivan e Cláudio pode marcar cena final de novela

Figura 19 – Reações à notícia



Fonte: Autores.

Figura 20 – Classificação do discurso de ódio em categorias



Fonte: Autores.

Figura 21 – Percentagem de discurso de ódio

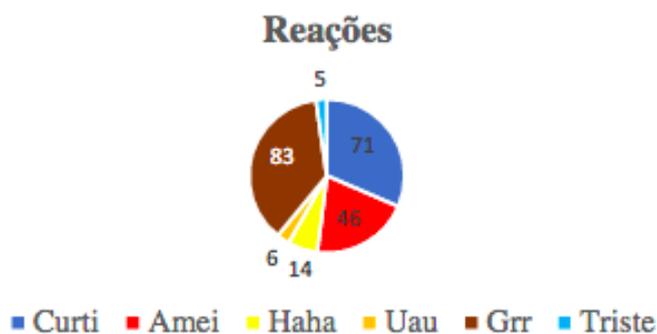


Fonte: Autores.

Os dados da sétima notícia analisada revelam a presença de 73 comentários classificados como discurso de ódio, o equivalente a 27% do total de manifestações. Dentre estes comentários, a categoria **Repulsa às pessoas LGBTQIA+** teve o maior destaque. Tal constatação também se deve ao conteúdo abordado pela matéria jornalística, pois o beijo LGBTQIA+ ainda provoca sentimentos de nojo e revolta nos setores mais conservadores da sociedade que sempre tiveram o beijo hétero como o único possível de ser transmitido em uma novela. Indo ao encontro desse sentimento, a reação “grr”, que representa a raiva, foi a segunda mais presente entre todas as emoções observadas.

#### Matéria 8 - “Propaganda da natura com mulheres se beijando causa discussão”

Figura 22 – Reações à notícia



Fonte: Autores.

Figura 23 – Classificação do discurso de ódio em categorias



Fonte: Autores.

Figura 24 – Percentagem de discurso de ódio

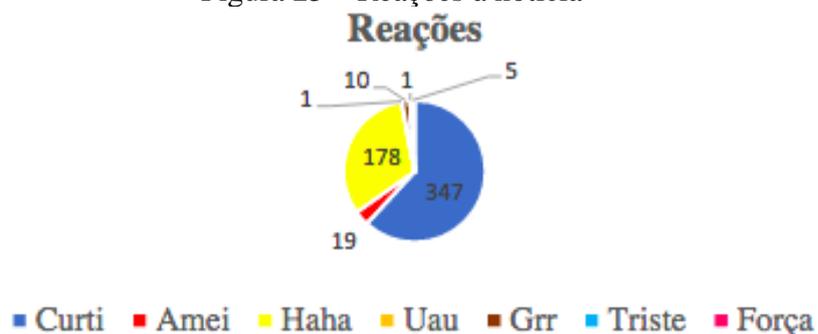


Fonte: Autores.

Os dados da penúltima matéria analisada indicam 68 comentários classificados como discurso de ódio, 22% do total de manifestações. Dentre esses comentários, a categoria **Repulsa às pessoas LGBTQIA+** teve o maior destaque. Ao abordar o beijo LGBTQIA+ em produções publicitárias audiovisuais, há uma significativa reação negativa que se pode justificar pelo receio do discurso da normatividade dar espaço ao discurso desviante, isto é, do medo ao ver que a representação unicamente heterossexual, disseminada em décadas de propagandas, possa dar espaço para a representação homoafetiva. Em compatibilidade a esse sentimento, é possível compreender que a reação “gr” foi a segunda mais presente dentre todas as reações analisadas.

#### Matéria 9 - “Patrícia Abravanel é detonada ao debochar da sigla LGBTQIA+ e minimizar homofobia”

Figura 25 – Reações à notícia



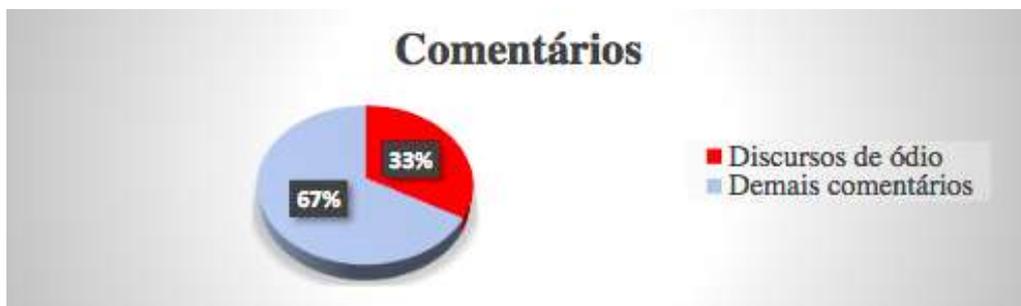
Fonte: Autores.

Figura 26 – Classificação do discurso de ódio em categorias



Fonte: Autores.

Figura 27 – Percentagem de discurso de ódio



Fonte: Autores.

Os dados da última matéria analisada revelam a presença de 130 comentários classificados como discurso de ódio homofóbico, o equivalente a 33% do total de manifestações. Dentre estes, a categoria da **Vitimização** teve o maior destaque. Como principais argumentos apresentados nos comentários, os indivíduos referem que a população LGBTQIA+ é intolerante, já que não aceita comentários que minimizem os efeitos da homofobia. A segunda reação mais presente foi a “haha”, justificada pelo paradoxo da intolerância desenvolvido pelo filósofo Karl Popper (1998), pois a população LGBTQIA+ preza por esse direito, porém não tolerou o discurso homofóbico da comunicadora Patrícia Abravanel, uma prática que foi motivo de ridicularização por parte dos leitores do ciberjornal.

### Considerações finais

Este trabalho procurou realizar uma construção metodológica a partir de uma análise de conteúdo dos comentários classificados como discurso de ódio nas publicações de notícias no *Facebook*, aplicando categorias ou modalidades de discurso. Neste sentido, diante da amplitude desta análise, observou-se o quanto a questão se expande para áreas diversas, o que demonstra que a homofobia não está restrita a apenas um âmbito, mas ela perpassa diversos espectros

sociais, culturais e políticos que se evidenciam através do discurso. Como resultados desta pesquisa, confirmam-se as hipóteses inicialmente apresentadas, ou seja, que o discurso em relação à população LBBTQIA+ é construído mediante estereótipos e enquadramentos incrustados na sociedade brasileira (H1), particularmente relacionados com a religião e a política. Nesse rumo, o fato de não haver qualquer tipo de moderação dos veículos jornalísticos em relação aos comentários ofensivos transforma a plataforma de interação das páginas dos jornais no *Facebook* em uma verdadeira caixa de ressonância do discurso de ódio (H2), o que contribui para a manutenção de estereótipos, para a visibilização e fomento do ódio homofóbico em suas publicações.

Por outro lado, diante da análise de dados possibilitada pela AC, pode-se inferir que o assunto da matéria jornalística é crucial para o tipo de discurso de ódio manifestado nos comentários das publicações de notícias no *Facebook*, ou seja, a categoria preponderante nos comentários está articulada ao assunto escolhido pela matéria publicada. Diante de números, constatou-se que, entre 3026 comentários analisados, 605 foram classificados como discursos discriminatórios por razões relacionadas com a sexualidade, o que equivale a 20% dos comentários totais das matérias selecionadas por esta pesquisa.

Figura 28 – Percentagem de discurso de ódio no total da amostra



Fonte: Autores.

A nossa pesquisa registrou 4176 reações às nove matérias analisadas, sendo 2337 “curtir”, 726 “haha”, 502 “amei”, 416 “grr”, 111 “uau”, 77 “triste” e 9 “força”. Os dados demonstram que a segunda e a quarta reações mais frequentes nas publicações relacionadas à população LGBTQIA+ são a risada “haha” e a representação da raiva “grr”. Essa constatação reforça a ideia de que existe uma tentativa de deslegitimar e de ridicularizar as lutas e os direitos já conquistados e outros que ainda são reivindicados pela população LGBTQIA+. Além disso, também é indubitável a reação de nojo, repulsa e raiva de setores conservadores da sociedade

diante de qualquer visibilidade desse grupo minoritário, seja nas pautas jornalísticas, nas escolas, nas novelas, nos anúncios publicitários, nas ruas, nas igrejas e em outros âmbitos.

As categorias presentes nestes 605 comentários foram as da Vitimização (169), Repulsa pela existência ou repúdio pelas atitudes das pessoas LGBTQIA+ (144), Imposição da moralidade e da religiosidade pessoal (99), Abordagem biologizante (57), Injúria ou ofensa à dignidade da pessoa humana (50), Descrédito pela informação jornalística, veículo de comunicação ou redator da notícia (42), Opinião intermediada por citação de autoridade (22), Patologização (11) e Apelo à suposta influência comportamental e de pensamento infantojuvenil (11).

Figura 29 – Categorização final



Fonte: Autores.

Estes dados revelados pela Análise de Conteúdo demonstram que a problemática do discurso de ódio homofóbico nos comentários das publicações de notícias no *Facebook* ainda é um problema premente, já que essa rede social se constitui como uma arena extremamente hostil à população LGBTQIA+, pois reforça estereótipos, visibiliza a homofobia e amplia suas consequências a esse grupo minoritário.

## Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **La domination masculine**. Paris: Le Seuil, 1998.
- BRUGGER, Winfried. Proibição ou proteção do discurso de ódio? Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. **Revista de Direito Público**, Brasília, v. 15, n. 117, p. 117-136, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Matheus Felipe de; FREITAS, Riva Sobrado de. Liberdade de Expressão e Discurso do Ódio: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão. **Sequência**, Florianópolis, n. 66, p. 327-355, 2013.

- CHAVES, Luís. Gonzaga. Mendes. Minorias e seus estudos no Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 2., n. 1, p. 149-168, 1971.
- FERNANDES, Mário Luiz; SAMPAIO Amanda. Brito.; COSTA, Carolina. Silva. **A história da imprensa de Mato Grosso do Sul e a construção do perfil do jornal Correio do Estado**. In: ENCONTRO CENTRO OESTE HISTÓRIA DA MÍDIA, Campo Grande, 2016.
- DA SILVA, Marcos Paulo; SILVA, Lucas Souza. Disseminação de discursos de ódio em comentários de notícias: uma análise a partir de notícias sobre o universo LGBT em cibermeios sul-mato-grossenses no Facebook. **Intercom, Rev. Bras. Ciên. Com.**, São Paulo, v. 44, n. 2, p.137-155, 2021.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC. 1975.
- KIM, Yonghwan; KIM, Youngju. Incivility on Facebook and political polarization: The mediating role of seeking further comments and negative emotion. **Computers and Human Behavior**, v. 99, p. 209-227, out. 2019.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**, Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- MEYER-PFLUG, Samantha Ribeiro. **Liberdade de Expressão e Discurso de Ódio**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009.
- POPPER, Karl. **A sociedade aberta e seus inimigos**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1998.
- SAFERNET. HOTLINE. Disponível em: <<https://indicadores.safernet.org.br/index.html>>. Acesso em: 05 jul. 2024.
- SARMENTO, Daniel. A liberdade de expressão e o problema do “Hate Speech”. In: SARMENTO, Daniel. **Livres e iguais**: estudos de Direito Constitucional. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006. p. 207-262.
- WARNER, Michael. (ed.). **Fear of a queer planet**. Minneapolis: University of Minnesota, 1993.
- PRADO, M. A. M.; TOLENTINO, L. L. R.; MARTINS, D. A. **O litúgio sobre o impensável**: escola, gestão dos corpos e homofobia institucional. **Bagoas, Revista de Estudos Gays**, Natal, v. 3, n. 4, p. 209-232, 2009.
- VAN DIJK. Teun. **Critical Discourse Analysis**. In: D. Tannen; D. Schiffrin, H. Hamilton (Org.). *Handbook of Discourse Analysis*. Oxford: Blackwell, 2001, p. 352-371.

Recebido em: 04/03/2024

Aceito em: 30/08/2024